

5ª PARTE

DISCURSOS

ATOPIA POÉTICA DE JOSÉ ALBANO

Pádua Lopes

*“Vagas estrelas da Ursa, eu não contava/ voltar ao hábito
de vos olhar/ sobre o pátrio jardim esplendoroso/ e conversar
convosco das janelas/ desse refúgio onde morei menino e vi o
fim de minhas alegrias”.*

Esses versos, traduzidos do italiano, compõem a abertura do Canto XXII de GIACOMO LEOPARDI, que recebeu o título de *As lembranças*. Por que a invocação desse poema que trata da volta ao lar paterno, um tema recorrente na Literatura? O acadêmico Lúcio Alcântara, autor homenageado nesta solenidade, revela que sua intenção inicial era se ater à publicação das traduções dos quatro sonetos em inglês de José Albano. Mas ele acabou fascinado **“pelos caminhos de sol e névoa”** que trilhou o poeta, tendo ampliado seu objetivo para elaborar o ensaio *Atopia poética de José Albano*. Realmente, essa personagem literária é cativante. Não obstante, há de se vislumbrar no ensaio mais uma motivação, essa implícita ou uma causa remota.

A família Albano, nobilitada pelo título do barão de Aratanha, era composta de pessoas abastadas que desfrutavam de prestígio social em Fortaleza. Muitos de seus membros fixaram residência na Avenida Bezerra de Menezes no antigo bairro Alagadiço, entrada da Capital pela zona oeste. O tio do poeta José Albano, o comerciante João Tibúrcio Albano, ergueu nessa avenida um casarão dentro de uma chácara que era famosa por sua beleza, sua exuberância e suas grandes dimensões. Por essa razão, o Alagadiço era muitas vezes referenciado como “o bairro dos Albano”.

Pois bem; o professor Waldemar Alcântara e sua mulher dona Dolores fixaram sua residência nesse bairro impregnado pela imagem

dos Albano. A casa se localizava na mesma Avenida Bezerra de Menezes, que nessa época tinha o calçamento de pedra e alamedas centrais ocupadas por árvores de grande porte, como oitizeiros e mangueiras. Nesse ambiente, é natural que Lúcio Alcântara tenha nutrido interesse especial pela família aristocrática do Alagadiço a ponto de pedir ao amigo Bello Parga, então diretor do Banco do Nordeste, para verter em poesia portuguesa os quatro sonetos em inglês de autoria de José Albano. O amigo atendeu ao pedido. Muito posteriormente, quando decidiu publicar aqueles sonetos traduzidos, redigiu o aludido ensaio que parece ter sido escrito também sob as aconchegantes lembranças paternas, do tempo em que a casa do casal Waldemar e Dolores Alcântara era “*um refúgio*” de onde o jovem Lúcio olhava e conversava com “*as vagas estrelas*” do nosso Cruzeiro do Sul.

Sentindo, desde cedo, a vocação para a vida pública, Lúcio Alcântara se preparou para dar sua contribuição ao regime democrático e ao aprimoramento das práticas políticas. Graduou-se em Medicina e suas primeiras produções intelectuais foram no campo da ciência médica. Mas, ao mesmo tempo, se tornou um leitor voraz e se abeberou nas fontes dos livros clássicos, nacionais e estrangeiros, e se interessava por todo gênero de leitura, pois sua mente universalista abraçava todos ramos do conhecimento humano. Ingressou na carreira pública, ocupando altas funções na estrutura administrativa estatal e seus méritos o ascenderam a postos mais relevantes como prefeito de Fortaleza, senador da República pelo Ceará e, finalmente, consagrando uma trajetória vitoriosa, foi eleito governador do Estado do Ceará. Em todos os cargos se houve com absoluta retidão moral, brilho intelectual, eficiência executiva e discernimento das necessidades públicas. Na condição de prioridades, ele impulsionou os setores de educação e cultura, dando apoio irrestrito a artistas e intelectuais.

Encerrado o ciclo da carreira política, Lúcio Alcântara continuou, na vida privada, a frequentar e a liderar atividades culturais como

membro de várias entidades. Foi presidente do Instituto do Ceará e, neste ano, assumiu a presidência desta venerável Academia Cearense de Letras. De realçar, a instituição da benemérita Fundação Waldemar Alcântara, que tem promovido a reedição de títulos esgotados relativos à história do Ceará. O livro ora lançado tem o selo dessa dinâmica casa editora. Mantendo uma biblioteca pessoal de obras raras e preciosas, o próprio Lúcio Alcântara se encarregou de ser o dedicado editor da revista *Scriptorium*, uma publicação da Associação Brasileira dos Bibliófilos.

Casou-se o homenageado Lúcio Alcântara com Maria Beatriz, mulher valorosa com quem divide afetos, sentimentos e forma um harmonioso dueto intelectual. Professora de Literatura e de Língua Francesa, a acadêmica Beatriz Alcântara é autora de uma consistente obra literária que abrange a poesia, o conto e o ensaio. Com o livro *Palavras cúmplices: versos & reverso*, foi finalista do Prêmio Jabuti, de âmbito nacional, em 2010. Sua última publicação, em 2019, foi *Lua em descompasso*, um livro de poemas emotivos em que exprime sua grande sensibilidade criativa.

Como parlamentar e político, usando a fala da tribuna ou do palanque, Lúcio Alcântara sempre exercitou a oratória. A sua obra escrita é volumosa, abrangente e diversificada, e está recolhida em inúmeros livros, revistas e jornais. O ensaio é o gênero em que mais se sente à vontade, pela linguagem clara e o pensamento objetivo. Combinando a sobriedade com a elegância, ele se mostra na escrita um discípulo de Michel de Montaigne. Constata-se que, em meio essa multiplicidade de opiniões emitidas em tempos e lugares diferentes, se encontra incrustada como um cristal de rocha a unidade de pensamento, a coerência do dito e do feito, um padrão moral que poucos políticos ostentam como trunfo maior de sua consagração à causa pública.

Com o título *Atopia poética de José Albano*, o acadêmico Lúcio Alcântara escreveu uma obra em que sobressaem as virtudes do exímio ensaísta. O autor usa um termo médico *atopia*, de origem grega, que se pode entender, neste caso e por simplificação, como *hipersensibilidade*. José Albano teria sido, dessa maneira, um poeta hipersensível, não apenas na abordagem dos temas de sua poesia como também na ânsia de alcançar a perfeição artística. Igualmente, o poeta se debatia no conflito espiritual de que sua atração irresistível pela poesia era incompatível com os preceitos morais em que fora educado. Um homem atormentado com sua própria natureza e condição de ser.

Nascido em Fortaleza em 12 de abril de 1882, filho de pais opulentos, José de Abreu Albano fez seus estudos na Inglaterra, Áustria e França. Tendo voltado ao Ceará, se matriculou no Liceu para os exames preparatórios e, nesse estabelecimento, por pouco tempo, lecionou Latim. Mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de trabalhar no Ministério das Relações Exteriores, de onde foi mandado para servir no consulado de Londres. Desistiu da diplomacia e passou um ano viajando por grande parte dos países da Europa e ainda visitando a Turquia, a Palestina e o Egito. Voltou a residir no Rio de Janeiro, onde se casou e teve filhos. Por essa época, apareceram os primeiros sintomas de seu transtorno mental. Tendo melhorado de saúde, ele embarcou para França e, enlouquecido, morreu em Paris em 11 de julho de 1923, aos 41 anos de idade.

Embora tímido e retraído, o poeta frequentava os cafés onde se falava sobre poesia e literatura. O autor do ensaio revela que, por outro lado, o poeta era irônico e ríspido, **“corrigia de forma abrupta equívocos dos interlocutores, ainda que amigos”**. E ainda: **“Crítico severo e contumaz, não escolhia adversários”**; e adiante: **“A excentricidade manifestada em atitudes extravagantes e uma certa arrogância intelectual o acompanharam ao longo da vida, agravadas com a eclosão do distúrbio mental.”**

Observa o ensaísta Lúcio Alcântara: **“Em vida, Albano pouco publicou. Tiragens pequenas, circulação precária, existência tumultuada e morte precoce condenaram sua obra a injusto esquecimento, do qual só sairia pela mão de Manuel Bandeira, responsável, com apoio da família, pela publicação de *Rimas* (1948)”**.

Integram esse legado poético os quatro sonetos escritos em inglês e que o próprio José Albano traduziu para o português, mas em forma de prosa. Na apresentação do livro ora lançado, o professor SÂNZIO DE AZEVEDO afirma com sua autoridade de mestre: **“O poeta compôs os versos em inglês, mas preferiu traduzi-los em prosa, talvez para não ser obrigado a praticar um metro diferente daqueles frequentados pelo altíssimo poeta *d’Os Lusíadas*.”**

Por essa circunstância curiosa, o acadêmico Lúcio Alcântara se propôs à tarefa de conseguir a tradução dos quatro sonetos em poesia. E com a persistência que o caracteriza, acabou encontrando esse tradutor na pessoa do senador Bello Parga, especializado na poesia inglesa. Ao atento professor SÂNZIO DE AZEVEDO não passou despercebido o método empregado na difícil tradução: **“Percebe-se claramente que os versos, em inglês, de José Albano são decassílabos, ao passo que os da tradução de Bello Parga são versos de 12 sílabas. E sem rimas.”**

O último terceto do primeiro soneto em inglês, traduzido por BELLO PARGA, confirma essa observação técnica e contém uma síntese da alma melancólica de José Albano:

**“Vós que sois triste, comparai os vossos males
Com os meus, e toda mágoa a vos pesar no peito
Jamais igualará metade do que sofro”.**

O certo é que Lúcio Alcântara aguardou o momento para incorporar os sonetos traduzidos ao acervo da Poesia brasileira.

Adicionou à edição esse magnífico ensaio no qual analisa as facetas recônditas do processo criativo do esmerado sonetista. O livro *Atopia poética de José Albano* constitui uma peça literária de primeira grandeza que merece e deve ser lida pelos amantes da Poesia e da história da Literatura Cearense. Obrigado.